MIDRAXE E HISTÓRIA

Jacil Rodrigues de Brito

Antes de mais nada é preciso tomar consciência de que estamos entrando em um mundo de uma complexidade incomensurável. Assim sendo, faz-se necessário escolher um aspecto, um caminho. O caminho escolhido foi o de olhar, mais de perto, o fio condutor da leitura e interpretação das Escrituras na comunidade farisaica, mais especificamente no período do Segundo Templo até mais ou menos o século VI dC.

É importante também mencionar que quando falamos em *Midrash* (midraxe, em português), estamos mencionando uma realidade que é tipicamente farisaica. Talvez aqui tenhamos que refazer, de imediato, o nosso conceito de fariseu e de tudo o que lhe diz respeito, sendo que muitas das vezes esse termo já vem carregado de noções depreciativas que alimentamos desde sabe Deus quando. Tento aqui, como cristão, trazer alguma coisa que consegui dentro do próprio mundo judaico, como indica a bibliografia no final. Quando queremos conhecer uma determinada realidade, ou alguém, o melhor caminho é entrar em contato com ela ou com esse alguém e deixar que falem por eles mesmos.

Vamos lá! E boa leitura!

O que é o fariseu e qual a sua importância para o mundo judaico?

É importante lembrar que no início de nossa era eram muitos os grupos dentro da comunidade dos filhos de Israel. Diversas facções com diversas formas de ver o mundo e interpretar as Escrituras. Esses grupos são os saduceus, os fariseus, os zelotas, os herodianos, os essênios e outros. Não vamos aqui nos ocupar de todos eles, mas dar atenção especial aos saduceus e fariseus pela sua maneira diferente e, por que não dizer, antagônica, de ler as Escrituras.

Origem dos fariseus e saduceus

Não se pisa com a certeza histórica no chão no qual esses dois grupos fincam suas raízes. Sabemos que os fariseus eram chefes espirituais do povo judeu na terra de Israel na época do Segundo Templo. O termo "fariseu" vem do hebraico *perushim*, substantivo plural oriundo da raiz *parash* que quer dizer separar, colocar à parte. Logo, "fariseu" indica esse contexto de separação. Separado de que e para quê? Separado, distinto, na consciência do próprio grupo, pela prática dos mandamentos da Torah[1]. Assim vamos compreendê-lo como separado para Deus. Desse ponto de vista o vocá-

1. Por Torah vamos compreender simplesmente o que nos foi traduzido por Lei. São os livros que vão do Gênesis ao Deuteronômio, ou seja, o Pentateuco.

bulo "fariseu" está muito próximo de "santo", desde que este último seja compreendido como o que é separado para o uso sagrado, para Deus.

Nessa perspectiva é interessante notar que esse conceito de "fariseu" como aquele que é separado para Deus através da prática dos mandamentos da Torah passou para a comunidade cristã primitiva como "santo", aquele que é separado através da fé na ressurreição de Jesus de Nazaré e da prática restrita dos seus ensinamentos (o Evangelho).

Quanto à sua origem, enquanto grupo com uma doutrina específica, não se sabe ao certo, como já foi mencionado acima, mas estima-se que começa a fazer parte do cenário histórico a partir da época de Esdras e Neemias (séc. VI aC). Com efeito, lemos em Esd[2] 7,6: "Este Esdras subiu da Babilônia. Era um escriba versado na Torah de Moisés, dada pelo Senhor, o Deus de Israel" e no v. 10: "Pois Esdras tinha aplicado o seu coração a perscrutar a Torah do Senhor, a praticar e a ensinar os estatutos e as normas". Observem bem o que é dito a respeito de Esdras porque está muito próximo do que se dirá da comunidade dos fariseus no que concerne à leitura da Torah. A influência política desse grupo se torna mais expressiva durante o período de João Hircano (135-104 aC) e durante o período da rainha Salomé Alexandra (76-67 aC). Após a ocupação dos Romanos (63 aC) eles voltaram a se ocupar da interpretação da Torah, como no início, e são eles que vão consolar a comunidade desorientada com a destruição do Templo (70 dC) e apontar novos caminhos, como veremos mais adiante.

Quanto aos saduceus, o mesmo problema se faz presente. Como os fariseus, não se sabe ao certo quando se deu a sua origem. Mas, provavelmente, ela se deu na época pré-helenística, ou mais precisamente nos anos que seguiram a conquista de Alexandre o Grande na região (por volta do IV séc. aC). Eles não têm uma atuação sem interrupção como os fariseus e a ruptura declarada com esses últimos acontece no reinado de João Hircano. Eles são membros e partidários da aristocracia laica, ligada ao governo político e religioso do povo. Muitos deles tinham funções no Sinédrio bem como nas funções do Templo como sacerdotes.

O termo no plural "saduceus" provém do hebraico *tsedukim*, da raiz *ts.d.k* (justiça). Daí vem *tsadik* (justo). Logo deveríamos compreender *tsedukim* como "os justos", mas muitos dizem que esse nome indica uma ligação com o Grão-Sacerdote Sadoc, da época do rei Davi.

Diferenças existentes entre saduceus e fariseus

Os saduceus preferiam o texto bíblico assim como está escrito, sem querer buscar ir além dele fazendo uso de métodos interpretativos. Estavam ligados ao Templo

2. A comunidade judaica farisaica tem especial apreço pela figura de Esdras. Embora se saiba que, em Israel, ninguém é comparável a Moisés, a respeito de Esdras se diz que, se Deus não nos houvesse dado Moisés, ele (Esdras) seria capaz de subir a Deus e nos trazer a Torah. Com efeito, assim como Moisés subiu com o povo do Egito e nos deu a Torah, Esdras subiu com o povo da Babilônia e nos devolveu a mesma Torah que havíamos perdido juntamente com a nossa língua materna.

de Jerusalém. Quando este foi destruído no ano 70 dC, paulatinamente também foram desaparecendo enquanto grupo.

Contrariamente aos saduceus, os fariseus não pensavam desta forma. Eles liam as Escrituras, tirando delas o que estava oculto ao olhar literalista e que só se tornava visível ao olho interpretativo, capaz de ir além do que estava escrito. Assim é graças a essa forma de ler e compreender que os fariseus encontram nas Escrituras o que forma, por assim dizer, a espinha dorsal da sua expressão de fé:

a) a imortalidade da alma;

b) a ressurreição dos mortos;

c) a esperança messiânica.

A relação mestre-discípulo no período dos romanos

Os romanos ocupam a Palestina no ano 63 aC. Nesta época os fariseus já estão estruturados no que concerne ao estudo e interpretação da Torah e à sociedade organizada em torno da relação mestre-discípulo, que tem mais ou menos a hierarquia seguinte:

Deus

Torah (instrução dada por Deus no Sinai)

Mestre (não existe mestre sem Torah e sem discípulo)

discípulo

sociedade

Em primeiro lugar *Deus*, que tudo cria, elege e faz aliança com um povo. Esse mesmo Deus dá a Torah como orientação, instrução, caminho a ser seguido. Para que essa Torah seja compreendida e praticada faz-se necessária a presença de alguém para estudá-la e transmiti-la. Esse alguém é o mestre que estará rodeado de discípulos. É o quadro da transmissão que aos poucos vai se formando. Não existe mestre sem Torah e sem discípulos. Por último vem a sociedade no geral que, como um todo, é formada de pessoas, cada uma com suas ocupações e preocupações cotidianas sem ter assim o devido tempo para se ocupar, de modo satisfatório, de um estudo que requer muita dedicação, mas que usufrui daquilo que o mestre com seus discípulos colhem dos textos.

O que temos de compreender aqui nessa hierarquia de valores é que quem verdadeiramente educa e conduz o povo é o próprio Deus, de forma indireta. Quem está em contato com o discípulo está com o mestre, com a Torah e com Deus. Esse quadro é o do início de nossa era. Nos evangelhos encontramos sempre Jesus, como mestre, rodeado de seus discípulos e ensinando. Transmitindo o que eles, por sua vez, como mestres, vão transmitir depois. Essa é a cadeia da transmissão: quem é discípulo hoje será mestre amanhã e o ensinamento nunca deixará de ser passado e vivido.

Midraxe como método de interpretação das Escrituras

Depois dessa pequena introdução sobre a comunidade farisaica vamos dar mais um passo à frente na compreensão do que vem a ser um Midraxe . Em primeiro lugar é preciso levar em consideração que os fariseus classificam a leitura das Escrituras em quatro níveis. Esses quatro níveis indicam a profundidade com que o leitor lê e compreende. São os seguintes:

1. *Pshat* (Simples)
2. *Remez* (Insinuação)
3. *Darash* (Escrutar, revirar, remover etc.)
4. *Sod* (Segredo, mística)

No primeiro nível (*Pshat*) o leitor lê, forma com a sua imaginação as imagens que o texto fornece e não vai além disso. Por exemplo: Em Gn 2,23 no relato da criação do homem e da mulher está escrito: "Então o homem exclamou: esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela se chamará mulher porque foi tirada do homem". No primeiro nível de leitura, imaginamos Deus colocando o homem para dormir, tirando uma de suas costelas, modelando a mulher e apresentando-a ao homem surpreso de ver alguém como ele. Quem sabe apenas ler e não foi iniciado na leitura simbólica dos textos está neste nível. No segundo nível *(Remez)* temos a insinuação. Quem é que insinua para quem? É o próprio texto que insinua ao leitor atento algo que o leva a pensar que se deve ir além das imagens que o texto fornece para compreendê-lo mais profundamente. Os fariseus nos ensinam que o texto já tem como princípio a interpretação e cabe ao leitor ouvi-lo. Ele é construído para tal. E o leitor começa a pensar que deve existir alguma coisa a mais por trás desse "osso dos meus ossos", "carne da minha carne" e "ela se chamará mulher porque foi tirada do homem". No terceiro nível (*Darash*) que é o mais profundo de todos eles, do ponto de vista da interpretação, o leitor desce profundamente no texto. Ele faz o texto revelar o que ele oculta. Atenção aqui, porque não é arrancar do texto o que não existe ou inventar. Aqui se analisa diligentemente tudo e qualquer mínimo sinal que o texto possa fornecer. Os sábios comparam essa forma de se ocupar do texto com o trabalho do agricultor que prepara a terra revirando-a, sulcando-a, e quanto mais ele a trabalha com amor e dedicação, maior quantidade de frutos e de ótima qualidade ela vai produzir.

Assim, voltando ao nosso versículo, nesse terceiro nível, já podemos descobrir uma infinidade de coisas que não havíamos percebido antes.

Para entendermos melhor o que vamos fazer agora, é preciso levar em consideração que o hebraico é uma língua consonântica, ou seja, nenhuma vogal aparece na escrita para que o texto possa ser lido com a certeza da vocalização exata das palavras. Assim uma palavra pode ser lida de diversas maneiras, segundo sua vocalização e adquirir cada vez um significado diferente. Logo, o primeiro comentário que se impõe se situa, então, no plano da leitura: como pronunciar as palavras?

A partir disso vamos já olhar com outros olhos o nosso versículo. Lá onde lemos "Ossos dos meus ossos" temos no original hebraico *"Hetsem Mehatsamai"*. Aqui o que nos interessa mais de perto é a raiz *h.ts.m* porque o "me" é preposição que indica posse (das, dos) e a terminação "i" indica a posse da primeira pessoa (minha, meu). O que acontece é que essa raiz *h.ts.m* significa, além de osso, que estamos vendo, toda e qualquer estrutura. Podendo assim ser "substantivo", como substância do falar, e, como estrutura do ser humano, pode significar a essência do "eu", eu mesmo, eu próprio.

Agora sim, desta vez entramos em outro nível de compreensão do versículo que o conhecimento da natureza e estrutura da língua-mãe do texto nos pode proporcionar. Ao invés de ouvirmos o homem dizer "desta vez é osso dos meus ossos", vamos ouvir com muito mais profundidade: "desta vez 'sou eu mesmo', 'sou eu próprio'". Assim, entramos também em outro nível de compreensão do ser humano que é "um", manifestando-se no masculino e no feminino. Este exercício nos defende, no primeiro plano, de uma leitura fundamentalista.

O restante do versículo "Ela se chamará mulher porque foi tirada do homem" também é um Midraxe, um jogo de palavras que só podemos perceber a partir da língua hebraica. No hebraico o vocábulo para designar homem é *'ish* e mulher *'ishah* (a terminação "ah" indica o feminino da palavra). Aqui não precisa nenhuma explicação porque está claro que se trata da consonância das palavras. O que se torna impossível de perceber nas nossas traduções em português porque o vocábulo "homem" não tem quase nada a ver, do ponto da escrita e do som, com o vocábulo "mulher".

É bom lembrar também que o que permite à comunidade farisaica desenvolver essa forma de ler as Escrituras é a compreensão de que elas se apresentam em duas dimensões:

a) Oral

b) Escrita

Toda interpretação ou comentário pertence ao campo da oralidade. O texto sem a dimensão da oralidade, isto é, da interpretação e do comentário, é morto. A interpretação é como o espírito que dá o movimento e anima o corpo e ambos, espírito e corpo, formam a unidade do ser (*nefesh* em hebraico). Com efeito, o apóstolo Paulo, que é fariseu, diz: "A letra é morta, o que lhe dá vida é o espírito" (2Cor 3,6). Os fariseus não tiram tudo isso do nada. Tudo está justificado nas Escrituras. Vale dizer que a compreensão que se tem é que nada existe, nada está escrito nelas por acaso ou coincidência. Com o mínimo dos sinais Deus está se revelando a nós, e se não entendemos o problema é nosso que não nos aplicamos o suficiente nos estudos, e não dele. É dentro dessa perspectiva que se encaixa a frase de Jesus "Nem um 'yod' (que é a menor letra do alfabeto) passará" (Mt 5,18).

Olhemos nas Escrituras duas passagens mais significativas nas quais os fariseus justificam esse dado interpretativo das Escrituras. A primeira vem do Salmo 62: "Uma

vez Deus falou, duas eu ouvi" (Sl 62,12). Uma vez seria a revelação de Deus através do texto escrito. A segunda seria a mesma revelação, mas através do que eu compreendo do texto interpretando-o e atualizando a mensagem que tiro dele para os dias atuais. A outra passagem vem do livro de Levítico "Estes são os estatutos (*Hukim*), as normas (*Mishpatim*) e as leis (*Torot*) que o Senhor estabeleceu entre si e os filhos de Israel, no Monte Sinai, por intermédio de Moisés" (Lv 26,46). Aqui é preciso saber que a palavra *Torot* é o plural feminino de *Torah*. Se assim é, logo se deve compreender que existem duas "Torás": uma escrita e outra oral (nossa interpretação e comentários).

Com efeito, temos várias passagens na literatura rabínica que atestam essa tradição antiga de que a Torah é oral e escrita. Rabi Yehoshua ben Korha disse: "Moisés permaneceu quarenta dias sobre a montanha. Durante o dia ele lia o texto escrito e, durante a noite, estudava o comentário oral". Ben Beter disse: "Moisés permaneceu quarenta dias sobre a montanha. Ele interpretava (*doresh*) as palavras da *Torah* e escrutava as letras"[3]. Essas passagens da tradição estão em perfeita consonância com Sl 62,12 e Lv 26,46 que atestam a contemporaneidade das duas *Torot*.

Estamos, claro, diante de uma situação paradoxal porque às vezes a Torah Oral é concebida como anterior à Escrita. "Eis um paradoxo que o judaísmo apresenta: a Torah Oral, interpretação da Torah Escrita, lhe é anterior. Ora, no momento da revelação (no Sinai) a Torah Oral já se encontrava incluída na Escrita. Graças às deduções lógicas, o homem pode reconstruí-la na sua estrutura original... A anterioridade da Torah Oral se encontra pelos sinais e testemunhos da Torah Escrita... A Torah Oral conta que certas Mitsvot (mandamentos) foram observadas pelos israelitas antes mesmo da formulação da Torah Escrita. Os Patriarcas já haviam vivido as prescrições da Torah antes que elas fossem ordenadas no Sinai. Em plena escravidão no Egito os israelitas já haviam observado o sábado, estudado e realizado os preceitos da Torah"[4]. O fato é que essa compreensão é muito importante para a comunidade cristã. O evangelista João nos traz essa dimensão da palavra que é eterna e coexiste com o próprio Deus e cria o universo já no prólogo do seu evangelho.

Com relação ao último nível de leitura *sod* (segredo, secreto) podemos dizer que este é o estágio último no contato com as Escrituras. É o momento em que a relação com Deus já se estabelece independente do texto, não porque ele não seja necessário, mas porque com a prática progressiva de leitura nos níveis precedentes, ele já canta em mim. Este nível é o da mística e vale lembrar que mística aqui é sinônimo de integração. Integração comigo, com os outros, com o mundo criado e, conseqüentemente, com Deus. É a unificação do coração no contato com Deus que é *um* e com a sua Torah que é *uma*.

Tendo visto, na seqüência, os quatro níveis de leitura, vamos agora tomar a primeira consoante de cada palavra que designa cada nível: *p, r, d* e *s*. Vocalizaremos com as respectivas vogais e termos a palavra *pardés*, que significa, em hebraico, pomar, jardim etc. Se observarmos bem, percebemos que essa raiz *p.r.d.s* dá origem ao vocábulo "paraíso" nas línguas latinas e neolatinas. Isso é muito significativo porque daí podemos deduzir que temos acesso ao paraíso através da leitura das Escrituras. Como esse "Pomar" ou "Paraíso" não é um lugar físico, circunscrito a um determinado tempo e espaço, devemos inverter a forma de compreender. Logo, não somos nós que vamos para o seu interior, mas, ao contrário, ele pode vir no nosso interior, e tem acesso a ele quem amar entrar nas sagradas Escrituras como quem entra num jardim, certo de que ali nada lhe faltará.

3. Pirkê de Rabi Eliezer, cap. 46.

4. Talmud da Babilônia, Yoma, 28b.

Após o ano 70 dC

Com a destruição do Templo a comunidade dos filhos de Israel se desorienta. Com razão, pelo que significa o Templo: Centro para o qual tudo converge; Lugar da Presença de Deus, aonde se vai para vê-lo e ser visto por ele. Lugar dos sacrifícios de ações de graça e reconciliação. São os fariseus que vão, nesse momento trágico, consolar a população, mostrando que nem tudo está perdido e que há meios e possibilidades de continuar a existir e se relacionar com Deus. Como eles já têm essa compreensão de que a oralidade extrapola a escrita e que a interpretação é capaz de fazer viver e movimentar o que é estático, tudo se torna mais fácil. Eles agora vão se voltar, de forma mais firme, para a Torah. Vão dizer que, como subiam para Deus o odor dos nossos sacrifícios quando tínhamos o Templo, agora que não mais o temos, vão subir a Deus os louvores dos nossos corações. Mudam-se para uma cidade chamada Yavnêh e lá, por receio de desaparecimento dos sábios mais eminentes e com eles o essencial da tradição, eles vão escrever todos os comentários das escrituras que conservavam na memória. Assim vão reestruturar o judaísmo, abrindo portas e janelas para o futuro. Este é o espírito da comunidade farisaica: há sempre a possibilidade de readaptação e de vida. O que possibilita a vida é essa capacidade de ler e reler, de encontrar sempre o sentido oculto e último das coisas.

Neste período de destruição e pós-destruição de Jerusalém e do Templo está o aspecto paradoxal de difícil compreensão: da confusão pode sair a orientação, do desespero o acreditar, do estar perdido o caminho, da morte a vida e assim por diante. A hora trágica da dor extrema pode ser o momento do encontro.

A comunidade perguntava sobre como se encontrar com Deus sem o lugar da sua presença. Os sábios respondem que lá onde o judeu abrir a Torah Deus vai estar presente. Aqui podemos perceber a extraordinária grandeza dessa compreensão que leva todo um povo a ir além do que é fixo e, só por essa razão, viver. Os sábios sabem que, mesmo se os romanos queimassem os rolos da Torah, eles podiam reescrever tudo de novo porque sabiam os textos de cor.

Os comentários das escrituras que eles sabiam de memória e que foram postos por escrito por Rabi Yehudáh Hannassi e que se chamou Mishnah[5] compreende seis

5. O termo deriva da raiz *sh.n.h*, que quer dizer repetir, guardar, conservar na memória. Com a influência do aramaico (*tanáh*) o termo adquiriu o significado de estudar e foi, especificamente, aplicado ao estudo da Torah Oral para indicar o seu método próprio: a memorização e a recapitulação, como indica o tratado da própria Mishnah (Avôt 3,8). A Mishnah é, como o significado da palavra indica, essencialmente oral. Mesmo sendo escrita, ela conserva o seu *status* de oralidade.

tratados que abrangem todos os aspectos da vida humana, civil e religiosa. Logo, a Mishnah é uma espécie de manual de prática dos mandamentos da Torah. É o sábio escutando os textos das Escrituras para retirar deles normas de vida prática para os aspectos atuais do dia-a-dia. O comentário da Mishnah é o Talmud[6]. A Mishnah gerou dois comentários:

a) O Talmud de Jerusalém (comentário feito pela comunidade de Jerusalém – 380 dC)

b) O Talmud da Babilônia (comentário feito pela comunidade da Babilônia – 376-500 dC)

Vale dizer que este último exerce maior influência nas comunidades judaicas.

Aqui é preciso compreender que, para a comunidade farisaica, quando se fala em Torah Escrita (*She Biktav*), refere-se às escrituras, ao texto escrito somente; e quando se fala em Torah Oral (*She Bea'lpeh*), refere-se ao seu comentário: Mishnah, Talmud e todo comentário dos sábios construído com o intuito de elucidar as Escrituras.

O exercício de escrutar as Escrituras para tirar delas o ensinamento atualizado para a vida da comunidade se chama então Midraxe e vem do verbo *darash* (escrutar, buscar etc.). Um Midraxe pode ser de duas naturezas:

a) Midrash Agadah

b) Midrash Halakah

O termo Agadah significa narração. Vem do verbo *lehaguid* (narrar, contar). É a parte não jurídica dos comentários das Escrituras, que tem sempre um caráter didático e representa um terço da literatura talmúdica. Trata-se de histórias, sendo a maior parte delas originadas de comentários rabínicos dos textos bíblicos, contos sobre a vida dos sábios e heróis do mundo judaico cujos comportamentos são dignos de imitação. Às vezes funciona como uma espécie de prolongamento literário e cheio de imaginação do texto bíblico. São homilias, pregações, exegese edificante da Bíblia, tudo o que fala e toca o coração, que persuade o espírito etc. Por essa razão a Agadah é responsável pela união dos filhos de Israel nos exílios, diásporas, *Shoah*, porque é o que vai de boca em boca, de coração para coração no interno das casas, nos caminhos e nos campos. Não importa onde nem quando se transmite, se junta, se identifica e se confia. Esteve sempre nos lábios de pais e mães contando histórias a seus filhos ao longo de séculos a fio, gerando esperança, criando resistência, acendendo sonhos e superando limites.

Já o termo Halakah vem do verbo *halak,* que significa andar. Andar não em qualquer direção, mas andar, no sentido figurativo, nos caminhos de Deus, da Torah que é o seu caminho, como já vimos. À diferença da Agadah, a Halakah tem força jurídica. É a

6. O termo Talmud vem da raiz *l.m.d*, que significa estudar. Assim, Talmud é o estudo da Torah. Por isso a expressão completa é Talmud Torah, que indica o ensinamento derivado de uma exegese bíblica.

parte jurídica do Talmud, englobando a parte civil e religiosa do direito. Ela imprime na vida judaica a orientação da lei.

Então, se a Halakah tem força de lei, a Agadah contém somente a opinião pessoal do seu autor. Os rabínicos recusavam fundar suas normas jurídicas sobre os textos agádicos, sobre as narrações de milagres, sobre o folclore ou sobre as lendas. No entanto não se deve olhar essas duas realidades separadas uma da outra. Elas não são independentes, mas vão juntas, de mãos dadas. Os ensinamentos éticos da Agadah alimentam e influenciam constantemente o espírito da Halakah jurídica de forma que a lei se faça mais sensível à condição humana.

Podemos concluir dizendo que a intenção era somente dar uma idéia do que significa Midraxe enquanto método interpretativo das Escrituras no mundo judaico. Tarefa extremamente difícil diante de um tesouro de inestimável valor acumulado abundantemente ao longo dos séculos (Escritura e comentários), testemunho claro e fiel de uma busca mútua, constante, entre o povo judeu e o seu Deus. Histórias de amor, como toda história de amor, repletas de questionamentos, de dúvidas, de fé, de medo, de dor, de angústia, mas acima de tudo de esperança, de ternura, de confiança e encontro. É claro que não podemos esgotar a fonte, mas beber de suas águas e nos saciar, isso podemos.

Jacil Rodrigues de Brito (CEBI – MG)
Rua Sta. Bárbara 704/202
31030-150 Belo Horizonte, MG
jacilro@uol.com.br

Bibliografia

Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme. Paris: Ed. Du Cerf, 1996.

Ephraim E. Urbach. *Les Sages d'Israel*. Paris: Editions du Cerf, 1996.

Marc-Alain Ouaknin. *Lire aux éclats.* Lieu Commun, 1989.

Marc-Alain Ouaknin. *Le livre brûlé.* Lieu Commun, 1986.

